

Os núcleos de significação como instrumento de análise: contribuições para o campo da educação

The Cores of Signification as an Analytical Tool: Contributions to the Field of Education

Daniela da Cunha Lopes Almeida¹
Guilherme Saramago de Oliveira²

131

Resumo: O presente artigo tem como objetivo definir e caracterizar alguns aspectos fundamentais presentes nos núcleos de significação, instrumento de análise pautada na Psicologia Histórico-Cultural. Inicialmente, são apresentados determinados conceitos e definições básicas para, posteriormente, tratá-la como alternativa metodológica de pesquisa qualitativa no campo da Psicologia e da Educação.

Palavras-chave: Educação. Núcleos de significação. Teoria Histórico-cultural.

Abstract: This article aims to define and characterize some fundamental aspects present in the meaning cores, an analysis instrument based on Historical-Cultural Psychology. Initially, certain basic concepts and definitions are presented to later treat it as a methodological alternative for qualitative research in the field of Psychology and Education.

Keywords: Education. Cores of meaning. Historical-cultural theory.

¹ Graduada em Psicologia pela Sociedade de Ensino Superior de Patos de Minas (2011), Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (2022), Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Psicóloga da Assistência Estudantil na UFU Campus Patos de Minas e Docente no Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2546-0911>. E-mail: danylopesalmeida@yahoo.com.br.

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (1986). Graduado em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (1991 - OAB/MG 82057). Graduado em Matemática pela Universidade de Uberaba (2009). Mestre em Ensino Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997). Mestre em Inovação e Sistemas Educativos pela Universidade Autônoma de Barcelona (1999). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (2009). Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia, lotado na Faculdade de Educação - FAGED/UFU - onde desenvolve ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração, na Graduação e nos Programas de Pós-Graduação Acadêmico (mestrado e doutorado) e profissional (mestrado). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6638-7621>. E-mail: gsoliveira@ufu.br.

Recebido em 20/12/2023

Aprovado em: 24/01/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



1 Ponto de partida

O artigo em questão aborda a proposta metodológica dos núcleos de significação, apresentados por Aguiar e Ozella (2006, 2013), como uma possibilidade de instrumento de análise a ser utilizado pelo pesquisador no processo de apreensão de sentidos e significados constituídos pelo sujeito frente à realidade na qual está inserido. Os autores utilizaram como base os fundamentos epistemológicos da perspectiva sócio-histórica, incluindo no processo de compreensão dos fenômenos psicológicos a discussão sobre sua produção social, tendo em vista que o “fenômeno psicológico, como qualquer fenômeno, não tem força motriz própria. É na relação com o mundo material e social que se desenvolvem as possibilidades humanas.” (FURTADO et al, 2013, p. 32).

Portanto, não se trata somente de descrição dos fatos, mas sobretudo de tentativas de explicar o processo de constituição do objeto estudado considerando que o homem é um ser social, mas ao mesmo tempo singular, sendo constituído numa relação dialética continua com a sua realidade concreta. Tal como defendia Marx:

investigação tem que apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhado, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori. (MARX, 1890, p. 16).

Assim, em 1927, tendo como base o materialismo histórico-dialético proposto por Marx, Vigotski viu a necessidade de construção de uma teoria que fizesse a mediação entre este método e os fenômenos psíquicos. Ao escrever o texto “O Significado Histórico da Crise da Psicologia – uma Investigação Metodológica” ele defendeu sobre a necessidade de construção de um método que desse conta da complexidade do homem e suas funções psicológicas, ou seja, o objeto da Psicologia.

Para Aguiar e Ozella (2006), a Psicologia Sócio-histórica possibilita “a crítica radical a visões reducionistas, objetivistas e subjetivistas, a discussão sobre a relação aparência-essência, parte-todo, a importância da noção de historicidade, de processo e a noção de mediação” (p. 224). Nesta perspectiva, o objeto de estudo é o sujeito histórico e a apreensão dos sentidos produzidos por ele, para além das aparências.

Assim, a proposta em discussão neste texto, soma-se as possibilidades de análises dentro da perspectiva qualitativa, sendo nosso objetivo apresentar algumas definições, análises e

reflexões sobre os Núcleos de Significação enquanto instrumento de análise, que vem sendo utilizado em vários trabalhos, tanto no âmbito da Psicologia, quanto da Educação.

2 Os núcleos de significação e algumas de suas categorias: historicidade, mediação, significado e sentido

Minayo (2016) esclarece que a pesquisa qualitativa consiste em um trabalho artesanal, “que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto, que por sua vez, dá origem a novas interrogações” (p. 25), ou seja, é um processo em espiral, construído pelo pesquisador, em um ritmo próprio e particular, baseado em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas. A autora sugere três etapas para o processo de trabalho científico: fase exploratória, trabalho de campo e a análise e tratamento do material empírico e documental.

A primeira delas, fase exploratória, engloba tanto a produção do projeto de pesquisa, bem como de todos os procedimentos necessários, incluindo a definição e delimitação do objeto, o cronograma de ação, como será a “coleta” de dados para análise posterior, a escolha do espaço e a definição de quem serão os participantes.

Neste momento, ao discutir sobre o que é necessário para a entrada do pesquisador em campo e optarmos pela metodologia de análise dos núcleos de significação, é fundamental o conhecimento prévio de pressupostos básicos da teoria Histórico-cultural, o qual fundamenta a nossa pesquisa, uma vez que, como afirmou Minayo (2016), “a ideia do ciclo de solidifica não em etapas estanques, mas em planos que se complementam. [...] pensamos sempre em um produto que tem começo, meio e ao mesmo tempo é provisório (p. 26).

A compreensão desta perspectiva metodológica, portanto, está relacionada com categorias que estão sempre articuladas entre si e são norteadoras das discussões em todos os momentos de atuação do pesquisador, principalmente para o processo de análise. Por isso, neste tópico iremos dialogar com algumas delas³, na tentativa de trazer uma breve contextualização de alguns pressupostos teóricos nos quais estão fundamentados os núcleos de significação.

Introduzindo à discussão, devemos nos ater que o processo constitutivo do homem é histórico e estabelecido por meio de uma relação complexa, interativa e dialética com o mundo, que não é direta e imediata; ao contrário, é indireta e mediada, e não apenas pelos outros, mas

³ O termo “categoria” citada neste trabalho referem-se ao entendimento de um constructo abstrato, o qual apreende o movimento do real e contribui para a compreensão da realidade observada. As categorias são, portanto, várias (historicidade, mediações, sentidos, significados, contradições, ideologia, classe, raça, gênero, religiosidade, entre outras) e estão em permanente processo de revisão e construção.

também pela atividade e pela consciência que desenvolve do mundo. Assim, o homem apreende o mundo real a partir de mediadores, de elementos auxiliares da atividade humana (OLIVEIRA, 2019).

Vigotski (2009) ao considerar a mediação como um elemento indispensável para constituição do sujeito, reafirma que ninguém se forma e se transforma sem estabelecer relações, pois no final, somos a síntese de todas elas.

Neste sentido, a categoria mediação visa apreender o movimento e os múltiplos elementos presentes nestas relações e que permeiam a sua constituição. Uma relação que antes era vista como direta, deve agora ser compreendida considerando objetos/processos que até então estavam ausentes. Logo,

subjetividade e objetividade, externo e interno, nessa perspectiva, não podem ser vistos numa relação dicotômica e imediata, mas como elementos que, apesar de diferentes, se constituem mutuamente, possibilitando a existência do outro numa relação de mediação. A utilização desta categoria, [...] nos permitirá compreender o sujeito como aquele que, na sua relação com o mundo revela, em todas as suas expressões, o social e o individual e que, portanto, só será compreendido sob o prisma da “unidade dos contrários”, ou seja, a lei da contradição inerente aos fenômenos. (AGUIAR, OZELLA, 2013, p. 302).

Portanto, a discussão sobre a mediação ressalta que as determinações nas quais o sujeito está imerso na sua realidade são entendidas como elementos constitutivos da sua subjetividade. Assim, ao realizar uma análise das determinações inseridas num processo dialético, é preciso destacar que [...] o homem, ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, nas relações com o social (universal) constitui sua singularidade através das mediações sociais (particularidades/ circunstâncias específicas). (AGUIAR, OZELLA, 2013, p. 302).

Todas estas determinações, nas quais o sujeito está inserido, precisam ser observadas considerando a materialidade dos fatos, tal como aconteceram. Aqui, destacamos a discussão sobre historicidade, uma vez que os discursos do sujeito foram e são produzidos em um processo dialético, em constante movimento.

Este mesmo sujeito, inserido em um determinado tempo histórico e mediado por instrumentos e signos próprios da sua realidade,⁴ não pode ser compreendido como resultado

⁴ De acordo com a teoria histórico-social, os signos constituem sistemas simbólicos que dirigem a atividade interna do homem, mediando o processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, enquanto os instrumentos são elementos externos ao homem, auxiliando-o apenas em funções concretas. Estes têm, no entanto, natureza social. (FALCÃO, 2016).

de uma “mera transposição do social. O indivíduo modifica o social, transforma o social em psicológico e, assim, cria a possibilidade do novo” (AGUIAR, OZELLA, 2006, p. 225).

Desta forma, para que se possa compreender o pensamento, função psíquica humana, temos que analisar seu processo, o qual é expresso na palavra com significado e, ao apreender o significado da palavra, entendemos o movimento do pensamento, como bem afirma Vigotski, “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza” (2001, p.409).

Antes de ser expresso em palavras, o pensamento passa por muitas transformações, de modo a concluir-se que a transição do pensamento para a palavra transita pelas categorias de significado e o sentido, ou seja, elas estão relacionadas com a compreensão da relação entre pensamento e linguagem (VIGOTSKI, 2009).

Apesar de significado e sentido serem diferentes um do outro, cada qual com suas singularidades, ambas as categorias não podem ser compreendidas descoladas uma da outra, pois uma não existe sem a outra. Vigotski (2009) coloca que o significado no campo semântico, corresponde às relações que a palavra pode encerrar; já no campo psicológico, é uma generalização, um conceito.

Além disso, estes significados irão compor a atividade, ou seja, a ação pela qual o homem transforma a natureza e a si mesmo. Tal como afirmam Aguiar e Ozella (2006): “Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências.” (p. 226).

Os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades. Portanto, constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido.

Logo, o sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente a uma realidade. Assim como afirmam Aguiar e Ozella (2006)

O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. O sentido deve ser entendido, pois, como um ato do homem mediado socialmente. A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída. (p. 227).

A compreensão dos sentidos perpassa pela unidade contraditória existente na relação simbólico-emocional, ou seja, todas as expressões humanas são cognitivas e efetivas, não existindo separação entre elas. Isto, porque, para analisar o pensamento, é preciso ter em mente os motivos, as necessidades e interesses que orientam o seu movimento.

As necessidades são “entendidas como um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vistas a sua satisfação, dependendo das suas condições de existência.” (Aguiar e Ozella, 2006, p. 228). São constituídas a partir de um processo de configuração das relações sociais, processo esse que é único, singular, subjetivo e histórico ao mesmo tempo, não tendo o sujeito necessariamente, a consciência do movimento de construção das suas necessidades.

A sua constituição se dá, portanto, de forma não intencional, por meio de registros cognitivos e emocionais, sendo as emoções um componente fundamental, afinal serão elas que irão definir a disponibilidade dos recursos subjetivos do sujeito para atuar. Mesmo tendo instaurado um estado dinâmico de desejo, de tensão, ainda não temos uma direção ao comportamento. Para que ele possa agir no mundo, a partir das suas necessidades, é necessário que o sujeito signifique algo do mundo social como possível de satisfazer suas necessidades, “esse objeto/fato/pessoa vai ser vivido como algo que impulsiona/direciona, que motiva o sujeito para a ação no sentido da satisfação das suas necessidades.” (p.228).

A apreensão dos sentidos é, portanto, bastante difícil; uma vez que o sentido “não se revela facilmente, não está na aparência; muitas vezes, o próprio sujeito o desconhece, não se apropria da totalidade de suas vivências, não as articula.” (p. 229).

Tendo em vista a fundamentação teórica proposta por meio destas categorias, fica evidente que a compreensão o objeto, no caso o próprio ser humano; e o método de investigação estão estreitamente articulados, bem como constituem-se mutuamente. Neste sentido, Aguiar e Ozella (2013) destacam que considerando “uma determinada concepção de humano e as categorias essenciais de sua organização subjetiva, assim como o objetivo que se apresenta em estudo, somos “empurrados” para a construção de alternativas metodológicas. Nesse sentido, apresentamos uma proposta de análise do discurso. (p.307).

Sendo assim, o processo de construção dos núcleos tem como ideia central recompor o movimento do real, ou seja, apreender o sujeito em sua vida cotidiana, não deslocado da sua realidade concreta. Assim, partindo das significações que são produzidas pelo sujeito e acessadas por meio das suas falas, buscamos como objetivo deste método a sua compreensão. A unidade de significação utilizada será a palavra, que quando articuladas entre si, darão acesso

ao movimento do real e à totalidade vivenciada por esse sujeito (AGUIAR, OZELLA, 2006, 2013).

Logo, a proposta dos núcleos de significação busca apreender o processo constitutivo dos sentidos bem como os elementos que engendram esse processo, tendo em vista que o sentido se coloca em um plano que se aproxima mais da subjetividade que com mais precisão expressa o sujeito, a unidade de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos.

3. Os núcleos de significação e seus procedimentos de análise

Neste tópico, abordaremos a descrição dos procedimentos necessários para análise através dos núcleos de significação, após a etapa de exploração para sua entrada no campo a ser investigado.

3.1 Produção de dados

Anterior a análise propriamente dita, precisamos destacar alguns apontamentos a respeito dos recursos que poderão ser utilizados para a “coleta” de material a ser analisado. Tendo como referência Minayo (2016), este momento seria a fase de campo, em que o pesquisador “irá dialogar com a realidade concreta a construção teórica elaborada na primeira etapa.” (p. 25). Para isso, poderá fazer uso de observação, entrevistas, dentre outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados.

Para Ozella e Aguiar (2006, 2013) dentro da abordagem sócio-histórica, o principal instrumento que permite acesso aos processos psíquicos, particularmente os sentidos e os significados, são as entrevistas. De acordo com os autores, estas devem ser consistentes e amplas o suficiente, devem ser recorrentes, no “sentido de eliminar dúvidas, aprofundar colocações e reflexões e permitir uma quase análise conjunta do processo utilizado pelo sujeito para a produção de sentidos e significados” (p. 308); e por último, devem contemplar um plano de observação durante todo o processo das entrevistas, com o propósito de captar indicadores não verbais e complementar e parear discursos e ações que estão nos objetivos da investigação.

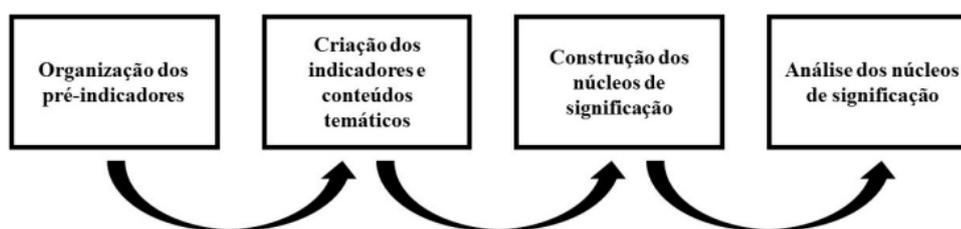
Além das entrevistas, desde que sejam complementados e aprofundados por elas, poderão ser utilizados relatos escritos, narrativas, história de vida, frases incompletas, autoconfrontação, vídeo-gravação, questionários ou desenhos.

Em seguida, o material que foi produzido deverá ser separado e organizado, e as entrevistas transcritas. Aqui inicia-se o tratamento e análise do material, a terceira etapa

discutida por Minayo (2016), caracterizada como um “conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos e articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leis teóricas e interpretativas, cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo.” (p. 26).

Estão incluídas nesse momento a ordenação dos dados produzidos, a sua classificação e a análise propriamente dita. Tudo isto, também compõe o processo necessário para a construção dos núcleos de significação. Na figura abaixo, estão reunidos os procedimentos característicos deste método. Cabe ressaltar que estas etapas não são rígidas, podendo muitas vezes retornar a uma etapa anterior, afinal o ciclo de pesquisa não se fecha, pois está em constante movimento.

Figura 1: Esquema dos procedimentos para uma análise por meio dos núcleos de significação propostos por Aguiar e Ozella (2006, 2013).



Fonte: Angeli (2017)

A seguir, iremos abordar cada um desses procedimentos.

3.2 Definindo e organizando os pré-indicadores

Com o material já em mãos, inicialmente devem ser realizadas leituras flutuantes, com a intenção de aos poucos nos familiarizarmos com o tema, bem como aprofundar o conhecimento daquela realidade específica que está sendo investigada.

Sendo as palavras, como já vimos, o meio pelo qual se tem acesso aos significados que o sujeito atribui a sua existência (VIGOTSKI, 2009), deverão ser observados com atenção no material os conteúdos que surgem com mais frequência, tanto pela sua repetição ou reiteração; aqueles que são enfatizados nas falas dos informantes, o que denota uma maior importância para ele; aqueles que veem acompanhados de carga emocional presente, seja pelas ambivalências ou contradições, ou mesmo por insinuações não concretizadas.

Essas leituras repetitivas nos permitem destacar e organizar o que chamaríamos de pré-indicadores. Todos eles farão parte da organização dos núcleos, e geralmente, apresentam-se em grande número, por isso, neste momento já podem ser filtrados aqueles que serão importantes para a compreensão do objetivo da investigação. Eles não seguem uma cronologia no tempo, podem ser captados em momentos divergentes do processo, e em muitas vezes são contraditórios entre si.

Resumindo, para Ozella e Aguiar (2013), os pré-indicadores são “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem” (p. 309). Ou seja, ao buscar os pré-indicadores fazemos o movimento de busca das significações que são objetivadas pelo sujeito em sua realidade afim de garantir a sua materialidade.

3.3 A elaboração dos Indicadores e os conteúdos temáticos

A próxima etapa do processo de análise é a aglutinação dos pré-indicadores para que sejam formulados os indicadores. Esse processo será feito tanto pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que nos levem a uma menor diversidade de temas. Em relação a estes critérios, Aguiar a Ozella (2013) destacam que eles não estão isolados entre si, assim

alguns indicadores podem ser complementares pela semelhança do mesmo modo que pela contraposição: um fato identificado como pré-indicador, ao ser aglutinado, pode indicar o caráter impulsionador/motivador para ação em uma determinada condição. Inversamente, o mesmo fato pode funcionar como paralisador da ação em outro momento, mas ambos podem ser indicadores importantes no processo de análise. Um indicador pode ter potências e coloridos diferentes em condições diversas, tais como: fases ou etapas da trajetória de vida, tipos de relações com outros, experiências profissionais, etc. (p. 309).

Neste novo movimento de articulação, é importante identificar os conteúdos temáticos que perpassam esse discurso o qual resultará na construção dos indicadores, uma vez que estes últimos, só irão adquirir algum significado caso sejam inseridos e articulados na totalidade dos conteúdos temáticos contidos nas expressões do sujeito.

Após a identificação dos indicadores e seus conteúdos, devemos retornar ao material das entrevistas e iniciar a primeira seleção dos trechos que ilustram e esclarecem os indicadores construídos. Este processo exige a realização de diversas leituras dos pré-indicadores

selecionados, atenção aos objetivos da pesquisa, além suporte constante do referencial teórico que norteia o estudo (AGUIAR, OZELLA, 2006, 2013).

Para fins de detalhamento e compreensão do material produzido, trabalhos já realizados (SOARES, 2006; FALCÃO, 2016; SOUZA, 2018) tem utilizado a construção de quadros em que são descritas e organizadas as etapas do processo de análise. Cada quadro pode corresponder a um núcleo respectivo, e busca auxiliar na escrita do trabalho e na utilização de exemplos de excertos de falas durante a discussão das análises. Inspirados nesses materiais, segue o quadro sugestivo abaixo:

Quadro 1: Pré-indicadores, conteúdo temático e indicadores

Pré-indicadores	Aglutinação dos conteúdos temáticos	Indicadores
Descrever aqui os trechos selecionados das entrevistas e identificar o entrevistado responsável por ele.	Apontar as temáticas que são citadas pelos participantes, buscando fazer a ligação e articulação entre elas.	Nomear o conjunto de pré-indicados que foram aglutinados pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição.

Fonte: Elaborado pelos autores

A construção dos indicadores é fundamental para a identificação dos conteúdos e sua articulação, de modo a revelarem e objetivarem a essência das significações que são expressas pelo sujeito, apreendendo a sua materialidade. É muito mais, portanto que uma descrição, tal como ressaltou Minayo (2016) sobre a etapa de análise na perspectiva qualitativa:

O tratamento do material nos conduz a uma busca da lógica peculiar e interna do grupo que estamos estudando, sendo esta construção fundamental do pesquisador. Ou seja, análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador. (p.26).

Após a nomeação dos indicadores, damos sequência a construção dos núcleos.

3.4 A construção dos núcleos de significação

Finalizada a aglutinação que resultou em um conjunto de indicadores e seus respectivos conteúdos, fazemos novamente a releitura do material e iniciamos um processo de articulação de conteúdos semelhantes, complementares e/ou contraditórios que foram levantados na intenção de organizar e nomear os núcleos de significação descobertos (AGUIAR, OZELLA, 2013). Durante esta etapa

[...] é possível verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e dos significados, o que possibilitará uma análise mais consistente que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas. (p. 310).

Sendo assim, na tentativa de ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas, os núcleos devem ser construídos “de modo a sintetizar as mediações constitutivas do sujeito; mediações essas que constituem o sujeito no seu modo de pensar, sentir e agir” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 310). O processo de análise é então efetivamente iniciado, momento em que avançamos do empírico para o interpretativo, apesar de todo o procedimento ser, desde o início da entrevista, um processo construtivo/interpretativo.

O objetivo é ter um número reduzido de núcleos, com o cuidado de não ocorrer uma diluição e um retorno aos indicadores. Para Aguiar e Ozella (2006), “Os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas” (p. 231). Além do mais, estes núcleos correspondem a articulação dos indicadores entre si, devendo ser entendidos como “um momento superior de abstração, o qual, por meio da articulação dialética das partes – movimento subordinado à teoria –, avança em direção ao concreto pensado, às zonas de sentido. (AGUIAR, OZELLA, 2013, p. 310).

Em relação a nomeação dos núcleos, os autores deixam como sugestão extrair da própria fala do informante uma ou mais de suas expressões, de modo a compor uma frase curta que reflita a articulação realizada na elaboração dos núcleos e que explicita o processo e o movimento do sujeito dentro dos objetivos do estudo. A seguir uma sugestão de quadro para organização dos núcleos.

Quadro 2: Núcleos e seus respectivos indicadores

Núcleos	Indicadores
Refere-se ao resultado da articulação dos indicadores entre si.	Trazer aqui o conjunto de indicadores que foram encontrados na etapa anterior.

Fonte: Elaborado pelos autores

Enfim, a construção dos núcleos é resultado do procedimento analítico, o qual partiu de recortes, partes que expressavam a realidade, em direção a totalidade do sujeito. Com o núcleo montado, inicia o movimento analítico-interpretativo, com vistas a realização de uma análise sócio-histórica. Cada núcleo carrega consigo um conjunto de pré-indicadores e de indicadores, que serão interpretados à luz da teoria e das categorias.

142

3.5 A análise dos núcleos de significação

A análise, dentro perspectiva teórica tratada neste artigo, tem como objetivo entender o porquê dos fenômenos que estão sendo estudados, de maneira a desnaturalizar os processos. Afinal, se eu não acredito que os fenômenos são naturais, preciso olhar para esses dados e articular de alguma maneira com as determinações na qual o sujeito está inserido. E este sujeito, é entendido, dentro da perspectiva sócio-histórica, como uma síntese de determinações.

Segundo Aguiar et al (2015), o significado da palavra – unidade de análise dos núcleos de significação – dentro da perspectiva teórica adotada, compreende a totalidade parcial (parte do todo), a qual constitui e é constituída na dialética da universalidade em que encontra-se o sujeito. Dessa forma, o movimento de análise e síntese das significações não diz respeito somente ao ponto de vista do sujeito isolado e individualizado, mas corresponde a “a síntese de múltiplas mediações que, sem deixarem de remeter ao sujeito em foco, expandem nosso conhecimento sobre uma realidade concreta que supera a ideia de sujeito como ser em si mesmo, mas que, sem dúvida, tem o sujeito como sua unidade, seu motor” (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015, p. 65)

Para isso, o processo interpretativo analítico inicia-se relacionando e articulando o material empírico construído por meio dos pré-indicadores e indicadores, ou seja, intranúcleo, e após, avançando para uma articulação internúcleos, na tentativa de compreender o movimento do sujeito (AGUIAR, OZELLA, 2013).

Desta forma, o processo de análise, por meio do movimento do sujeito em sua realidade, irá explicitar as semelhanças e/ou contradições, pois só avançaremos na compreensão dos sentidos quando os conteúdos dos núcleos forem articulados e analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto socio-histórico, portanto, à luz da teoria. Além disso, as análises não devem permanecer restritas à fala do informante, elas devem estar articuladas com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade (AGUIAR, OZELLA, 2006).

Logo, apreender as zonas de sentido exigirá do pesquisador um poder de síntese mais profundo, por meio de um trabalho construtivo-interpretativo, buscando superar as teses e antíteses em direção a uma síntese. A constituição dos núcleos de significação, portanto,

[...] acontecem pela articulação dos “momentos” diferentes e mesmo contraditórios apreendidos nos indicadores, o que se dá pela relação entre as partes e o todo, isto é, os indicadores – que trazem a articulação de um conjunto de pré-indicadores – e a totalidade histórico-social, destacando-se nesse processo a importância da teoria como produção histórica e social. (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015, p. 71).

Caminhando na compreensão dos sentidos, não podemos esquecer da importância da análise das determinações constitutivas do sujeito e conseqüentemente da apropriação das suas necessidades, que de alguma forma foram citadas pelos sujeitos e identificadas a partir dos indicadores. Estas necessidades “são determinantes/constitutivas dos modos de agir/sentir/pensar dos sujeitos. São elas que, na sua dinamicidade emocional, mobilizam os processos de construção de sentido e, é claro, as atividades do sujeito” (AGUIAR, OZELLA, 2006, p. 311).

Concluindo, a análise por meio dos núcleos não pode ser reduzida a uma técnica, a análise deve ser coerente com o método. Este pensamento teórico e metodológico irá possibilitar uma compreensão profunda a realidade investigada, na qual é preciso lançar mão de um pensamento que consiga se apoderar de suas nuances, compreender suas contradições, ir além da aparência e que apreender o seu movimento dentro do contexto histórico.

4. Os núcleos de significação como possibilidade de instrumento de análise para o campo de educação

Os conceitos de ensino e educação carregam distinções importantes entre si. Enquanto o primeiro, se concentra na transmissão de conhecimentos e conteúdo, a Educação “possui

contornos mais complexos, que envolvem aprendizagens curriculares, mas também valores e atitudes, que visam formar melhor o indivíduo na sua totalidade.” (MARQUES, OLIVEIRA, 2016, p. 190). Enfim, apresenta um sentido mais amplo, que além de possibilitar o autoconhecimento e a apropriação dos valores morais, culturais e cívicos que sustentam a sociedade, implica ao indivíduo tomar consciência de si mesmo e da realidade que o rodeia.

Por isso, o trabalho de análise por meio dos núcleos de significação dentro do campo da Educação pode auxiliar em um entendimento abrangente considerando o caráter histórico, singular e dialético dos fenômenos sociais humanos, de maneira a desnaturalizar a compreensão de muitos problemas enfrentados nesse contexto.

Entre as características observadas, podemos citar a lógica do capital que atravessa a educação na sociedade contemporânea, uma vez que ao estar inserida em um determinado contexto histórico, político e econômico estruturado por meio do modo de produção capitalista, reproduz muitas de suas ideias.

De acordo com Mészáros (2008), nesta lógica do capital, a educação escolar serviu "(...) ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade" (p. 35).

Por isso, compreender as nuances que envolvem a educação exige uma metodologia de análise que nos permita avançar em novas maneiras de interpretar a realidade na qual estamos inseridos. Nesse cenário, quando refletimos sobre a nossa vida, entendemos que a aprendizagem perpassa por todos os momentos, ou seja, nos educamos desde que nascemos, até a morte. No entanto, existem limitações que dificultam o pleno desenvolvimento de nossa liberdade, fundadas nas contradições estruturais de nossa sociedade.

Sobre isso, Mészáros (2008) afirma que somente quando tornarmos-nos conscientes de que a aprendizagem é a nossa própria vida, teremos como objetivo uma mudança radical nas próprias instituições educacionais. O autor defende que a formação de uma concepção de mundo predominante, que pode ser na linha da manutenção e/ou da mudança, irá depender de que forma cada ser humano contribui para esta realidade.

Esta concepção ampla de educação pode proporcionar os instrumentos de pressão que rompem com a lógica mistificadora e alienante do capital. Sendo assim, o uso da proposta dos núcleos de significação, enquanto instrumento de análise dentro do campo da educação, colabora para a reconstrução de novos valores a partir de intervenções que tragam a

conscientização das significações que fazemos, a depender das características contidas no momento histórico que estamos imersos.

Como bem pontua Mészáros, "[...] é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente" (p. 27).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. **Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 95-112.

_____. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 129-140.

_____. **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica: relatos de pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____; BOCK, A. M. B. Apreensão dos sentidos: a busca do método. In: MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. (Org.). **Questões de método e de linguagem na formação docente**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

_____; DAVIS, C. L. F. Sentidos e significados no contexto escolar. **Linguagem, Educação e Sociedade** (UFPI), 16(25), 183-196, 2011.

_____; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão de constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**. Vol. 22, n. 2, jun., p. 222-245. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2006.

_____; LIEBESNY, B.; MARCHESAN, E. C.; SANCHEZ, S. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. **A Dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez Editora, 2009, p. 54-72.

_____; SOARES, J. R. e MACHADO V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**. V.45 n.155, p.56-75 jan./mar. 2015

ANGELI, T. Os significados de justiça ambiental nas pesquisas em educação ambiental: uma análise a partir de teses e dissertações brasileiras. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

FALCÃO, Giovana Maria Belém. Ser professor supervisor do PIBID: movimentos na constituição identitária. 2016. 312f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

MARQUES, Stela; OLIVEIRA, Thiago. Educação, ensino e docência: reflexões e perspectivas. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 3, p. 189-211, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v24i3.7346>

MARX, Karl. O Capital – Crítica da Economia Política. Livro Primeiro – O Processo de Produção do Capital – Volume I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 4ª edição, 1890, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.

MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2016, p. 09-29.

OLIVEIRA, M. K. de. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2009.

SOARES, Júlio R. **Vivência pedagógica: a produção de sentidos na formação de professores em serviço**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2006.

SOUZA, Dianne Cassiano. A construção histórico social de gênero: significados sociais e sentidos para professoras de Ciências. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018

VYGOSTKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.